ESTRATÉGIAS DE INTERSUBJETIVAÇÃO NO DISCURSO DO PROFETA GENTILEZA

José Marcos Barros Devillart (UFF) prof jm@hotmail.com

RESUMO

A linguística funcional centrada no uso se preocupa com a investigação de como os interlocutores categorizam o mundo a fim de observar essa categorização nas estruturas linguísticas. Conforme Traugott e Dasher (2005), essa categorização é influenciada pelo processo de intersubjetivação, isto é, a forma como os falantes concebem o seu discurso visando à relação com o seu interlocutor. A intersubjetivação leva em conta as crenças e atitudes do escritor com relação ao que é dito, com propósito de interferir na conduta dos leitores. Acreditamos que, para o Profeta Gentileza, seus escritos serviriam para aconselhar os transeuntes-leitores e, por conta desse propósito pragmático, apresentam um nível de intersubjetivação mais acentuado. Para Traugott e Dasher (2005), a (inter)subjetivação não está somente no nível cognitivo, é uma propriedade da língua que emerge da tensão entre escritor e leitor e seus usos retóricos com os quais transformam a linguagem. Essa tensão é motivadora de processos icônicos que transporiam para o nível da língua a vivência sociocultural dos interlocutores.

Palavras-chave: Intersubjetivação. Funcionalismo. Profeta Gentileza. Gentileza.

1. Introdução

Gentileza foi um cavaleiro andante que passeava pelas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro combatendo um mundo dominado pelo "capetalismo". Apesar de sua vida como pregador, e enviado de Deus, ter começado no início dos anos de 1960, foi a mística em torno do fim do mundo que, nos anos finais do século XX, deram a Gentileza um ar quase divino. Misto de profeta e louco, ele se vestia como as figuras que conhecemos dos profetas bíblicos e vagava pelas ruas do centro da cidade pregando por um mundo mais gentil.

E foi nas imediações da Rodoviária Novo Rio que o profeta deixou pintadas, nas pilastras do Viaduto do Caju, as suas impressões sobre um mundo que estava em "chamas" e que deveria ser resgatado pela simplicidade da Natureza e pela gentileza entre os homens. Hoje, seus murais são reconhecidos pela intervenção artística num local dominado pelo trânsito caótico e pela poluição (atmosférica, sonora e visual).

Em estruturas paratáticas e dicotômicas, Gentileza apresenta ao mundo suas "profecias" e a orientação para uma vida com mais amor e riqueza em 56 textos-murais, tombados pelo Patrimônio Municipal. Esta espécie de "livro-urbano" (GUELMAN, 2000) é o *corpus* de nossa pesquisa, cujo objetivo é investigar as estratégias de intersubjetivação na organização linguística desses escritos sob orientação teórica da linguística funcional centrada no uso.

Dentre vários aspectos dos textos-murais do profeta, elegemos a intersubjetivação como foco do nosso trabalho. Tentamos compreender como ela se configura no nível discursivo nas escolhas do profeta para organizar seu texto. Essa perspectiva objetiva refletir sobre as pressões pragmático-discursivas que atuam na organização do fluxo narrativo, demonstrando que o uso é motivado pelo contexto discursivo. Acreditamos que os escritos do profeta possuem funcionalidade propagandística e são adequados a sua proposta de "orientar os leitores para a salvação". Trata-se de uma questão pragmática envolvida no uso linguístico.

Os murais do profeta apresentam um aspecto lúdico que dá vida às suas ideias a partir de estruturas ambíguas que vão se sobrepondo e construindo o nexo discursivo. Assim, podemos confirmar a ideia de que o texto e o discurso não são tão livres e criativos quanto se imagina (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e que instâncias discursivas são partes da língua e, por isso, parte do conhecimento construcional dos interlocutores.

2. A intersubjetivação

A reflexão sobre as estratégias de intersubjetivação parte do pressuposto de que o profeta codifica o universo à sua volta com relação à cultura na qual ele e sua obra estão inseridos. Nosso objetivo é mostrar que Gentileza cria uma *persona* em seu discurso que codifica a sua postura de profeta diante dos outros em busca da aceitabilidade social.

Para isso, consideramos a linguística funcional centrada no uso pela preocupação com a investigação de como o emissor categoriza o mundo, para, a partir daí, observar essa categorização nas estruturas linguísticas. Conforme Traugott e Dasher (2005), essa categorização é influenciada pelo processo de intersubjetivação, que seria a forma como os emissores concebem o seu discurso visando à comunicação, ou seja, à relação com o seu interlocutor.

Os autores entendem a subjetivação como processo semasiológico em que os emissores se utilizam de termos referenciais para a expressão de sentidos relativos a seu estado interno, crenças, valores e afins. Já a intersubjetivação é definida como a utilização desses recursos para a atuação sobre o interlocutor, com vistas à sua adesão ao que é declarado.

Então, a intersubjetivação leva em conta as crenças e atitudes do escritor com relação ao que é dito, com propósito de interferir na conduta dos leitores. Para Gentileza, seus escritos serviriam para aconselhar os transeuntes-leitores e, por conta desse propósito, apresentam um nível de intersubjetivação mais acentuado. Na negociação de sentidos as estratégias se subjetivação e intersubjetivação entram em cena criando um quadro (*frame*) de inferências que será preenchido ao longo do contato linguístico, ou seja, ao longo das pilastras que formam o livro urbano.

Para Traugott e Dasher (2005), a (inter)subjetivação não está somente no nível cognitivo, é uma propriedade da língua que emerge da tensão entre escritor e leitor e seus usos retóricos com os quais os textos são organizados. Essa tensão é motivadora de processos icônicos que transporiam para o nível da língua a vivência sociocultural dos interlocutores.

3. Análise de dados

Nesta seção, investigamos e interpretamos algumas marcas linguísticas que codificam como Gentileza se inscreve no seu discurso, ou seja, as estratégias de intersubjetivação recrutadas por Gentileza para dar forma e validade social condizente com sua postura de profeta. A posição de "orientador espiritual", "aconselhador" ou "pai" é refletida nas escolhas do vocativo "meus filhos". Como vemos na oração Meus filhos hoje dia dos mortos não se preocupais com os mortos (...), na segunda linha da Fig. 1.

O profeta se inscreve no discurso como "pai", ou uma espécie de "orientador espiritual", através da posição social atribuída aos leitores, a de "filhos". Verificamos a posição que Gentileza assume e a que ele oferece aos seus interlocutores por intermédio do discurso. E, a partir daí, é criado um jogo discursivo com duas posições delimitadas. Os interlocutores são convidados a participarem desse jogo através de inferências que servirão de base para que o *frame* criado pelo profeta seja preenchido. Esses dois personagens, "orientador/pai" e "filhos", segundo a nossa interpretação, são recuperados a partir de influências advindas de textos religiosos.



FIG. 2: FOTO DA PILASTRA 15

Como os sentidos discursivos surgem da relação entre interlocutores, interpretamos que o profeta transpõe para o texto a sua posição social, a fim de justificar o seu *status* como "*enviado de Jesus*" e dar validade ao seu discurso, como vemos no escrito 7, última linha da **Fig. 2**:



Fig. 3: foto da pilastra 7

Na maioria dos escritos do profeta, encontramos esta espécie de assinatura. Gentileza reitera sua posição de profeta ao se colocar como porta-voz de Jesus. Ele "diz" por "Jesus", o que demonstra mais uma influência dos textos religiosos. O emissor demonstra certo poder em consonância com as sequências injuntivas, frequentes no *corpus*.

Já na segunda linha do mesmo escrito, encontramos a oração: *Meus filhos anunciais uns as outros*. Pensamos que Gentileza confere um tom mais formal ao seu discurso por conta da escolha que faz pelo uso da segunda pessoa do plural gramatical, em detrimento da segunda pessoa discursiva (vocês).

Não só o contexto interfere na língua, mas a língua acaba por criar um contexto discursivo. Esse *frame* vai sendo preenchido pelas inferências do leitor orientadas pelas pistas dadas pelo escritor. A tensão leitor/escritor (TRAUGOTT & DASHER, 2005) se configura no nível da intersubjetivação a partir da relação entre o *profeta* e os seus *filhos*.

O sentido discursivo é criado ao observarmos a regularidade do texto do profeta, que, na maioria dos escritos, se refere aos leitores atra-

vés das terceiras e primeiras pessoas, como vemos abaixo (linha 5 da **Fig. 3**):



FIG. 4: FOTO DA PILASTRA 6

Em *vamos libertar a natureza*, há um exemplo de uso de uma estrutura mais coloquial e mais frequente, na qual o profeta se insere no que é dito, criando uma noção de atividade em conjunto, uma união de forças, na qual ele também está engajado. A mudança deve partir de todos, inclusive do profeta.

Assim, Gentileza constrói uma interpolação entre duas estruturas. Uma em que ele se mantém distanciado de seus filhos, marcando uma orientação, mas não uma ação. Na outra, aparece como colaborador das ações que devem ser seguidas por todos. O jogo entre o prototípico (mais frequente na obra) e o não prototípico (menos frequente) acaba por criar significados mais salientes no nível discursivo. O pressuposto é que Gen-

tileza se baseia no conhecimento não só da estrutura linguística, como também nas escolhas que faz para a transmissão de informação.

As pressões discursivo-pragmáticas envolvidas na intersubjetivação convidam o leitor a participar do jogo comunicativo, deixando implicaturas surgirem, tais como: a representatividade de Gentileza como enviado de Jesus e a imagem de um homem preocupado em modificar as atitudes do ser-humano, ou seja, um profeta.

Como vimos, Gentileza se posiciona linguisticamente como um profeta que fora enviado por Jesus. Nesse ponto, verifica-se que subjetividade é um pré-requisito para a intersubjetividade. A oração *Meus filhos todos vos são emteligentes* (**Fig. 4**; 2ª linha) serve como introdução para o ensinamento que virá posteriormente. Gentileza demarca sua posição e a posição dos leitores no discurso.



FIG. 5: FOTO DA PILASTRA 18

Para Traugott e Dasher (*apud* FERRARI, 2011, p. 74) as expressões mais intersubjetivas apresentam dêixis social explícita. Tal dêixis pode ser vista quando o profeta se dirige ao "capeta", por exemplo, nos escritos 7 e 8, **Fig. 5** e **Fig. 6**:



FIG. 6: FOTO DA PILASTRA 7



FIG. 7: FOTO DA PILASTRA 8

No escrito 7 (**Fig. 5**, linha 10): (...) *Satana em 2000 perdes o mandato* (...)

No escrito 8 (**Fig. 6**, linha 7): (...) *Capeta satana perdeste o mandato* (...)

O profeta tem de retomar o mal, trazer esse mal para dentro do texto, a fim de compará-lo ao bem. Ao mesmo tempo, usa a segunda pessoa gramatical, que permanece em todas as falas direcionadas ao "capeta". Seria, talvez, esse aspecto motivado pela cultura? Acreditamos que fatores culturais determinam parcialmente o modo de organização cognitiva da mente humana, por isso assumimos que a imagem social do "capeta" é composta por níveis subjetivos inseridos no imaginário comum da cultura da qual Gentileza faz parte. Assim, como pressuposto pela linguística funcional centrada no uso, tal imagem interfere na produção linguística do profeta. Há uma ratificação da sua posição como emissário de Jesus, pois pode enviar mensagens ao "capeta".

Vamos ler o que diz o *Dicionário Houaiss* (2009) sobre o verbete *você*, ou seja, a segunda pessoa discursiva:

pron. trat. (1665) 1 aquele a quem se fala ou escreve; pron. indef. 2. Pessoa não especificada; alguém; GRAM/USO a) apesar de funcionar como forma de tratamento de segunda pessoa, esse pronome leva o verbo para a terceira pessoa; b) excetuando-se o extremo Sul e alguns pontos da região Norte, no Brasil você toma lugar do tu como pronome de segunda pessoa, como forma de tratamento ger. íntimo, entre pessoas de mesmo nível social, etário etc. ou de superior para inferior (...)

Como lido, em comparação com o *tu*, *você* representa uma forma de tratamento mais íntima entre pessoas do mesmo nível social. Mesmo com a necessidade de trazer o capeta para o seu discurso, o profeta não quer estar no mesmo nível do dele, logo o uso do *tu* pode demonstrar essa diferença cognitiva entre níveis.

Esses sentidos podem ser interpretados segundo o princípio da estratificação de Hopper (*apud* GONÇALVES & CARVALHO, 2007). Para os autores, novas camadas linguisticamente funcionais estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. O surgimento de camadas novas é entendido como uma opção para o falante, não estando relacionado ao desaparecimento da camada mais antiga. Ou seja, as relações envolvidas no jogo comunicativo criam novas funções para formas antigas, como também novas formas para funções antigas.

A estratificação sugere que há um aglomerado de formas num mesmo domínio funcional. A escolha entre as camadas gera consequências na interação entre interlocutores, que pode estar atribuída a registros sociolinguísticos e que interferem nas relações discursivo-pragmáticas. Em Gentileza, a escolha é motivada por pressões contextuais que moldam o seu discurso. O profeta parece conhecer os efeitos expressivos que tu e você sugerem.

A produção desses sentidos provém das inferências que o leitor faz baseado nas sugestões que Gentileza administra, configurando um pacto comunicativo em que os sentidos giram em torno da mística criada pelo profeta: ele é um enviado de Jesus e sua perspectiva de mundo é motivada pelo pensamento cristão. Sem dúvida, esses sentidos estão alicerçados num conhecimento social partilhado pelo escritor e pelo leitor. O (com)partilhar de informações faz com que o leitor participe da construção de significados do texto ao completar o *frame* criado pelo escritor.

Traugott e Dasher (2005) argumentam que

subjetividade/objetividade devem ser concebidas em termos gradientes. Assim, as expressões mais objetivas seriam aquelas que requerem que o falante e/ou ouvinte construam o significado com base em um número mínimo de inferências. As expressões mais subjetivas apresentariam (...) marcadores explícitos da atitude do falante/redator em relação à proposição ou à estrutura discursiva. (FERRARI, 2011, p. 74)

Já que Gentileza produz seu discurso concebendo uma ponte com a religiosidade, como se este discurso tivesse sido "instruído" ou "inspirado" por Jesus, há uma incorporação da representação do profeta, que fala, e tem autoridade para isso, em nome dessa divindade. Isso aliado à ideia de que o objetivo de Gentileza seria o de ser entendido pelo maior número de pessoas possível, podemos imaginar que o profeta cria um jogo simbólico entre sentidos que permanecem suspensos a fim de serem preenchidos pelos leitores, daí a importância artístico-social de seus textos.

4. Considerações finais

Para Traugott e Dasher (2005, p. 80), a subjetivação é um mecanismo de recrutamento de significados para expressar e regular sentimentos, atitudes e crenças do sujeito com relação ao mundo exterior e interior. E a intersubjetivação seria pensada paralelamente à subjetivação, na

medida em que codifica a expressão do emissor em atenção ao interlocutor visando à comunicação.

Sendo, então, a subjetividade e a intersubjetividade elementos básicos na comunicação e no contato social, é no processo de interação que são construídas as relações, que por sua vez constroem e organizam o texto. A linguagem está na constituição do ser e a língua como lugar de interação entre sujeitos que negociam visões de mundo.

Gentileza, como atuante linguístico, escolhe formas mais adequadas e expressivas que são funcionais ao seu propósito comunicativo, e, assim, garante essa interação ou a negociação de sentidos. Podemos então dizer que:

- a- Gentileza se apresenta como uma espécie de guia espiritual, conhecedor das leis divinas:
- b- Em seu discurso, ele assume a figura de profeta, que fala em nome do divino;
- c- Os fatores acima influenciam na construção e na interpretação do discurso de Gentileza.

Na análise interpretativa dos escritos, vemos que há uma tensão motivadora de processos icônicos que transpõem para o nível da língua a vivência sociocultural dos interlocutores. Os textos de Gentileza são exemplo de um misto entre aspectos artísticos e religiosos, filosóficos e sociais, ou seja, constituem uma obra ímpar no cenário artístico atual.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos toda criatividade e ludicidade desses textos, confirmamos a ideia de que o texto e o discurso não são tão livres e criativos quanto se imagina (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), pois são motivados por pressões contextuais externas ao sistema linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia

Cristina. *Introdução à gramaticalização*: princípios teóricos & aplicações. São Paulo: Parábola, 2007.

GUELMAN, Leonardo Caravana. *Brasil*: tempo de Gentileza. Niterói: Eduff, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. Regularity in semantic change. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: University Press, 2013.